I

É verdade que há um momento breve
em que tudo se decide —
esta rua em vez da outra
esta camisa em vez daquela
este passo que se dá e não um outro
aquele que precisamente iria abrir uma porta
para outro universo.

Não sei em que momento isto se passa
no fundo de nós mesmos
se naquele breve instante em que desvias os olhos
se antes ou depois
ou até se durante o momento em que —
não tendo ainda voltado a cabeça —
já os olhos sentiram imperceptivelmente
que estavam destinados a desviar-se
como se intuíssem um barulho qualquer
que ainda se não deu
vindo de um outro lado.

Nesse momento
se é que de um momento verdadeiramente se trata
o mundo dá uma volta por dentro de si mesmo
o que era claro fica obscurecido
e o que obscuro faz-se de tal nitidez
que as palavras parecem ditas por outra boca
que não a que as disse
e os nossos gestos tornam-se automáticos.

Disseste: *queria ser o livro que tu escreves* —
mas é esse livro outra voz que a corrente da tua voz em mim
outro lugar que se possa nomear —
ao menos nomear
sem que nele o teu nome paire como o augúrio
que devasta tudo
toda a terra do meu corpo onde
lavrando célere
um incêndio determina que nada
nada — ouve-me bem: nada —
depois de ti ficará em medida de ser colhido
sobre essa terra
agora para sempre devastada?

Alguma coisa principiou em nós
algo findou — nos decidiu sem sabermos porquê —
tomou um rumo
algo houve de vez que se perdeu —
ou se ganhou — nos devolveu à calma e à indiferença
nem nos tornou melhores nem piores
antes outros e os mesmos
porque os mesmos ficámos sendo outros
e outros teríamos sido
se outro ainda fosse o nosso movimento.

Mas:
depois que tudo
depois que tudo recebeu o nome de Luz ou de Noite
quero dizer: depois de teres partido
depois dessa revelação — cicatriz que reabriu —
não vejo nada. A cegueira invadiu-me
quero a distorção
quero bater com a cabeça contra o céu

as lágrimas se confundam com a chuva
à minha volta desastres tenham lugar
aviões caiam
automóveis choquem em grande velocidade
o mal se solte por toda a parte
e à noite todos possam temer o seu vizinho
o seu próximo.
Quero que o homem olhe suspeito para a mulher
e a ambos os filhos vejam receosos
o passeante de jardim se petrifique de medo
diante de cada árvore suspeite
um vulto de agressão
os ladrões e os assassinos saiam dos lugares em que se
escondem
que invadam as ruas como pragas
cada um tema diante do outro a sua própria sombra
e na orla da noite todos cheguem a duvidar até de si mesmos.
Que o meu corpo se faça espasmo
convulsivo grito —
quero que isto se saiba.

Olha:
os pulsos abertos o sangue que escorre
a boca os dentes cerrados que espumam
os olhos que se apertam e só procuram a obscuridade.
Disse: depois que tudo recebeu o nome de Luz ou de Noite —
porquê assim?

[Quem:
de um modo ou de outro te mandou
em nome da poesia (quero dizer:
do Amor) quem em nome da violência
de que o mundo faz seu íntimo motor — quem

de entre todas as figuras
te recortou contra a Luz —
quem
contra a madrugada e a manhã
mesmo contra o voo das aves
o silêncio das florestas
te enviou para desassossegarr o que parecia enfim em paz?]

É verdade: *todo o anjo é terrível*
mas nada soa agora lá por fora
os carros pacatamente recolhem às casas os seus passageiros
sonolentos
aviões descem suavemente sobre pistas
barcos baloçam no mar suavizado pela noite
mas é esse preço de silêncio e calmaria
a lâmina profunda que o rasga até ser de aço
que ninguém chamou
e que ninguém pediu.

Quem:
diante da Noite e do nevoeiro
esperou pela tua chegada —
e no entanto aí estavas
como uma luz contra a obscuridade
como um sinal no vento
uma palavra apenas segredada
e logo no ar desaparecida.

Quem:
dentro dessa voz de Luz ou de Noite te enviou
e de repente quis que o mar viesse sobrepor-se
às nuvens altas? — e agora:
agora que a desordem se lançou no mundo
quem a dissuadirá de invadir o pouco que ainda resta

esse minuto de ora em diante para sempre infame
em que as crianças pedem às mães carinho
os pobres dividem entre si a esmola
os amantes esperam a alvorada
os rios se dividem em afluentes
ou os lugares sagrados se incendiam?

Mas a noite perpetuamente se alimenta disto —
saber que estás por perto —
e onde antes a consciência nostálgica de que alguma coisa se
perdera
mas tudo demais estava certo
e mesmo se ainda à míngua de uma flor
ou de uma palavra
a madrugada acontecia
e com ela o rumor da erva o seu perfume
lentamente se desprendiam no ar
os cães na rua ladravam muito de longe em longe
os últimos lugares da terra adormeciam
e o céu se preparava para ser manhã
haverias de vir tão desnecessária como o pão ou o vinho
disseminar no vento esta suspeita
de que a noite não antecede a manhã
que os rios correm para as fontes
as crianças são abandonadas pelas mães
as árvores se tingem de um fulgor de cinza.

Nesse café sem gente para onde eu ia — lembras-te? —
ler o jornal numa língua estrangeira
junto à aparatosa faina dos barcos e dos pássaros num cais
próximo
estares ausente era a própria ordem do universo.